

# **O ORKUT E AS IDENTIDADES MÚLTIPLAS, NÔMADES, OU MAIS OU MENOS INVENTADAS.**

**Telma Brito Rocha**

Universidade Federal da Bahia-UFBA

## **Introdução**

“Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo”-ser identificado” de modo inflexível e em alternativa- é algo cada vez mais malvisto”. Zygmunt Bauman

Ao que tudo indica, a questão da identidade é um problema dos tempos modernos. Giddens, (2002, p.74) afirma que nos “tempos pré-modernos nossa ênfase atual na individualidade estava ausente”. A ideia de que cada um tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. O “indivíduo” nessas culturas tradicionais não existia e sua individualidade não era prezada. Foi a partir do surgimento das sociedades modernas, dando origem ao sistema capitalista, um sistema de produção de mercadorias, que envolvem tanto competição de produtos como a mercantilização da força de trabalho, aliada ainda a diferenciação que a divisão desse trabalho produziu entre os sujeitos, é que o indivíduo uno, individualizado, separado ganha atenção.

A essência pessoal e a universalidade humana, que existiriam em cada indivíduo, constituíram a base moderna da identidade. O “penso logo existo”, enunciado por Descartes, sustenta a definição desse sujeito, segundo a qual o indivíduo é centrado em si mesmo, possuindo uma essência individual e um caráter universal. Essa concepção cartesiana criou a primeira representação moderna de identidade, revelando ainda uma essência pessoal para cada indi.

A modernidade tem relação com o conjunto de ideias oriundas dos ideais iluministas, essas ideias impulsionaram o processo de racionalização do indivíduo; uniu a construção do conhecimento pelas ciências ao progresso humano e social e o surgimento de novas concepções éticas e morais.

Nesse contexto, o sujeito do Iluminismo era fundamentado numa compreensão de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, completo de capacidades de razão, de consciência, e de ação. Para Hall (2006), essa visão abrigava um centro, um núcleo interior,

[...] que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] essa era uma concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade. [...] (p. 10-11)

Mas, no início do século XX, as descobertas feitas por Freud e a Psicanálise, sobre o inconsciente e a estrutura da psique humana, abalam a descrição do sujeito centrado e unificado, apresentado pelo Iluminismo, trouxe à tona a necessidade de se rever essa concepção de identidade.

Assim, essas novas teorias vão desestruturar a concepção de identidade, tendo em vista principalmente, a ideia de psique humana, na qual comporta estruturas inconscientes, que operam desejos e comportamentos, sobre os quais o sujeito não tem controle ou mesmo consciência. A noção de inconsciente com um outro "eu", aponta um sujeito agora desconhecido para si próprio, e ainda fragmentado em múltiplas estruturas psíquicas.

Giddens (2002, p.157), partindo da noção psicanalítica, chega a afirmar que o “eu é frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado” na modernidade. Para ele, assim como o mundo social, o eu torna-se disperso, descentrado, e só encontra sua identidade nos fragmentos da linguagem ou do discurso.

Seguidores de Freud, entre eles Lacan, continuam a questionar essa concepção, quando afirma que o sujeito é formado e constituído a partir do olhar do outro. Ou seja, é a partir da relação com o outro que o sujeito conhece de si. O sujeito já não possui uma autonomia plena, ele não é mais senhor de si, formado por uma essência inata. A sua identidade será constituída ao longo de sua existência num processo mútuo de dependência com o outro. Como afirma Hall (2006, 38-39),

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como processo em andamento. A identidade que surge não tanto da

plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. ( grifos o autor.).

Assim, para a psicanálise, existem diferentes “eus” que compõem a identidade dos indivíduos, suas histórias de vida e trajetórias. Isso demonstra que essa identidade não é formada por uma identidade essencial; ao contrário, o indivíduo carrega em um mesmo corpo mais de uma estrutura psíquica sobre as quais não possui controle absoluto. Sua identidade e personalidade não são individuais ou autônomas, mas se constituem sempre em relação ao outro. Essas conclusões colocaram em dúvida a percepção moderna da identidade e demonstraram a necessidade de revisão das perspectivas teóricas da epistemologia iluminista.

Partindo dessa perspectiva Stuart Hall (2006) vai discutir as transformações teóricas da alta modernidade ou modernidade tardia, período referente à segunda metade do século XX, fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade. Para o autor, o maior efeito desse tempo foi o “descentramento” final do sujeito cartesiano. Por isso, o autor afirma que as identidades têm passado por um processo de fragmentação e deslocamento.

Neste sentido, a noção de raça, gênero, e outras de caráter biológico, que poderiam ser compreendidas até o período iluminista como determinantes na definição da identidade, no final dos anos 60, começam a sofrer a influência das discussões ocorridas no interior dos movimentos sociais.

Essas discussões evidenciaram as relações de poder envolvidas nas construções identitárias, trazendo uma dimensão política ao tema. A questão da identidade deixou de ser privada para tornar-se uma questão pública. Levou para a esfera pública informações do mundo privado como algo determinante na sustentação de estruturas de poder na sociedade.

Assim, novas perspectivas teóricas, principalmente as pesquisas de caráter pós-estruturalistas, desenvolvidas no campo dos estudos culturais, têm indicado novos entendimentos sobre a questão da identidade e da cultura nesse mundo globalizado.

## **Identidades na contemporaneidade**

É certo que a identidade ela nunca foi estável, mesmo no mundo *off line*. A ideia de que ela pode ser única foi sustentada pela noção de sujeito herdada do cartesiano, mas como explicitado, essa noção já foi desconstruída pelas transformações ocorridas na história das ciências, principalmente no século XX.

Entre estas transformações está a globalização, que não se dão em torno apenas de processos de homogeneização dentro da sociedade, ou seja, na ideia de que as coisas pareçam geralmente semelhantes entre si. Em contradição a esta tendência, existe uma fascinação pela diferença, um novo interesse pelo local. A expansão da globalização não denota essencialmente a aniquilação das culturas locais.

Hall (2006, p.87) conclui que a globalização tem sim o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas, de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, gerando uma variedade de possibilidades e novas maneiras de identificação, e tornando as “identidades mais posicionais, mais políticas mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas”.

Por isso, o fenômeno cultural e a experiência identitária em meio aos processos de mudança desencadeados nesse contexto de globalização não podem fixar ou presumir um resultado final, ou formas padronizadas como o cartesianismo criou.

Bauman (2001), para designar a diluição das forças que mantinham essas características, que buscavam a solidez duradoura, as formas confiáveis e definidas tornando o mundo previsível e controlável, usa o termo líquido para denominar a nova experiência identitária, dinâmica, fluida, nômade, transitória na contemporaneidade.

Sua análise discute o processo de liquefação dos laços sociais, da vida cotidiana. Aponta o tempo do desapego, da provisoriedade, do processo de individualização; o tempo da liberdade, ao mesmo tempo em que é o da insegurança. Para ele, a maioria dos habitantes desse líquido mundo, atitudes como coesão, apegar-se a regras, agir de acordo com os precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar nas ondas das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.

No ciberespaço, essas relações também podem tender a essas características. Os modos de pensar e agir nesse espaço são proporcionados, geralmente, pelas influências contemporâneas que tem passado a sociedade, da crise das instituições, os

estilos de vida, costumes, que não apenas se tornaram como tendem a permanecer instáveis, voláteis, flexíveis, em fluxo constante, ou melhor, inconstantes, crenças e convicções, que geralmente mudam antes mesmo de se firmarem. Em um mundo de fluxo veloz e circulação intensa, não há tempo para que se consolidem costumes, hábitos, e verdades autoevidentes.

Assim, como representação dessa sociedade líquida, das relações livres, desapegadas, os homens deste tempo podem na rede internet, realizar interações imagináveis, e incapazes de realizar no mundo *off-line*, isto desconstrói o que gerações anteriores a essa tecnologia aprenderam a estabelecer sobre os sujeitos, interação, relacionamentos, verdade, valores, entre outros.

As formas identitárias no ciberespaço, ao se apresentarem de maneira nômade, na medida em que pode estar aqui, ali, sem as fronteiras impostas pela longa distância territorial; múltipla, quando se opta por ter vários perfis falsos, como são chamados os *fakes*, vários eus; fluida porque percorre o ciberespaço de maneira livre, facilmente; temporária, já que pode mudar com bastante frequência suas características, isto demonstra que o surgimento da cibercultura tornou o outro, esse indivíduo da linguagem, dos códigos e da cultura, mais complexo.

Essas interações não precisam ser providas da revelação de sua identidades *off-line*, ou seja, não é preciso revelar a identidade civil para se comunicar com outra pessoa; os indivíduos podem ser o que querem, sem afetar, de modo geral, sua vida fora deste espaço. Essa nova possibilidade tem permitido aos milhares de indivíduos da contemporaneidade, a experimentação, a invenção, a redefinição, e a exibição de múltiplas identidades.

No mundo virtual uma pessoa pode experimentar ser várias pessoas com características físicas, completamente diferentes, coisa geralmente impossível de acontecer com o Eu *off-line*. Esse último, não se pode transmutar, no máximo, podemos criar disfarces, aparências enganadoras. Mas, no mundo virtual, isso é distinto. Turkle (1997) fala da tela do computador como metáfora para entendermos essa lógica. Para ela, a experiência vivida nas janelas é de um eu descentrado que existe em muitos mundos e desempenha muitos papéis ao mesmo tempo. Na vida tradicional, no mundo *off-line* as pessoas desempenham papéis que geralmente tem um lugar num espaço físico, lógico e linear. Nos jogos, nas redes sociais, blogs, nas comunidades virtuais, no *second life*, o participante experimenta identidades paralelas, vidas paralelas.

Santaella (2007), assim como Turkle, reconhece que a “persona” que aparece no ciberespaço é aparentemente mais fluida do que aquela que assumimos em outras situações de nossa vida, por conta de ser construída a partir do ambiente simulado. Para ela, conscientemente essa perspectiva nos permite brincar como nosso eu, a partir de novos modos, em interação com as outras “personas” do ciberespaço.

Nesse mundo complexo em que vivemos, somos criados, mantidos pelos diversos discursos, pelas contradições intrínsecas a cada sujeito. Nessa complexidade, as identidades estão em constante construção, desconstrução e reconstrução. Neste sentido, não existe identidade “verdadeira” ou “falsa”, no ciberespaço e na vida *off line*, as identidades são mais ou menos inventadas.

### **A constituição identitária no *orkut* e o perfil *fake***

O *Orkut* é uma rede social filiada ao *Google*, criada em 24 de janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter as existentes. Atualmente, é a rede social com maior participação de brasileiros, cerca de 30 milhões de participantes.

Para participar do *orkut* basta criar uma conta de e-mail no *Google*, e possuir acima de 18 anos, como não existe verificação fidedigna dos dados, basta alguém ocultar a idade para participar. O *login* criado no *e-mail* é o primeiro passo para construção identitária no *orkut*. Esse dado constará na parte superior do perfil do participante, visível apenas para ele quando acessa a rede de relacionamento. A seguir, ele tem a opção de preencher ou ocultar algumas das seguintes informações: quem sou eu, descrição de características físicas, emocionais, entre outras, relacionamento, interesses no *orkut*, idiomas, religião, opção política, esportes.

O álbum de fotos, grupos de amigos, e participação em comunidades, informações que também definem características, gostos, preferências. Assim, essas afiliações lhe atribuem um pertencimento, uma identidade, “elas são os rótulos que escolhemos para dizer quem somos”. (Silveira, 2006, p.147).

Alguns desses perfis são constituídos pelas características pessoais de identidades vividas fora dele, ou podem representar oposição completa dessa identidade, ou ainda, apresentar um misto das duas, o que chamamos de identidade mais ou menos inventadas.

Para essas identidades que não correspondem a vivida fora da rede social, se designa o termo em inglês *fake*, que significa falso, geralmente muito utilizado para denominar contas ou perfis usados no *orkut* que ocultam a identidade *off-line* de um participante. Em alguns casos são usadas identidades de celebridades, famosos personagens de filmes ou desenhos animados. Miss Dayse, Britney Spears, Madonna, Paris Hilton, Durval Lelis, Mortícia Addams, Rodrigo Hilbert, Andy Garcia, Nemo, Donatela, são alguns dos incontáveis perfis *fakes*.

Algumas desses perfis são criadas para navegar em outros perfis no próprio *site*, preenchendo a curiosidade sobre as vidas públicas, as confissões de sentimentos, divulgados pelos *posts* em várias páginas de recados, ou álbuns de fotografias. Em alguns casos, eles criam esses perfis para aliciar crianças e adolescentes.

Do lado oposto aos aliciadores, estão os *fakes* denominados justiceiros do *Orkut*, que pregam o combate aos crimes virtuais com as “próprias mãos”. Esse tipo de ação, muitas vezes, destrói provas de crimes impedindo que a justiça chegue aos criminosos virtuais. Na ilusão de ajudar a combater pedófilos, racistas, entre outros, esses *fakes* se comportam como criminosos; eles utilizam práticas ilegais de crackers, quebra de um sistema de segurança de forma ilegal para tirar sites e perfis de criminosos do ar, com isso, eles eliminam provas que levariam a justiça a identificar responsáveis pelos crimes no mundo virtual. O correto é denunciar a SaferNet, ou Ministério Público para que a justiça seja feita pelo Estado.

Outra forma comum de criação de *fakes* é o clone de identidade de algum participante da rede social, eles não só copia apenas o perfil principal, mas para tornar tão verdadeira a clonagem, adicionam os amigos que fazem parte dessa rede, assim, seu poder de convencimento sobre a identidade apresentada aumenta. Essa típica maneira de clone na rede social se constitui naquilo que os participantes chamam de roubo de identidade. Quando alguns desses *fakes* querem ainda difamar o dono do perfil roubado, eles mudam a opção sexual, gostos musicais, escrevem características que comprometem a identidade do participante.

Assim essas identidades representadas por meio de *fakes* inventam identidades reproduzindo modos de comportamento, valores, gostos pessoais, características físicas, fotos de amigos(as) e namoradas(as), clonagem fieis de vidas *on-line* ou *off-line*.

Na segunda semana de outubro de 2008, a notícia de gravidez da cantora da axé music baiana, Ivete Sangalo, causou curiosidade à população brasileira, muitas

pessoas, inclusive portais de notícias na internet, recorreram ao *orkut* para obter algumas das características do pai de seu filho, um estudante de nutrição de Salvador, que em poucas horas, todos já conheciam, por conta de um suposto, ou quem sabe, verdadeiro perfil dele no *orkut* (ver figura 1).

Passados alguns dias, a cantora em seu blog, e comunicados à imprensa brasileira, informava que: "a pedido do próprio Daniel queremos deixar claro o desconhecimento das declarações vindas de um perfil na página do *orkut* com o nome dele, haja visto que a não existência nem hoje nem antes de um perfil do mesmo" (Sic). E completa: "As declarações provenientes dessa fonte são definitivamente fora do nosso conhecimento e do nosso controle."

Além desse perfil, outros *fakes*, ou comunidades, já circulavam pela rede de relacionamento, com fotos e discussões sobre a vida da cantora, e seu namorado. Em alguns deles, a comemoração era explícita, já que Ivete Sangalo podia voltar aos palcos, e os fãs não teriam seus eventos prejudicados.

Hoje nessas redes sociais, se criam e alimentam identidades de indivíduos, celebridades ou não; nesse espaço a identidade vai sendo manipulada, tomando formas diversas. Como afirma Bauman (2005, p.19), "As "identidades" flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]".

Assim, essas identidades se constituem a partir de uma exterioridade, nos rastros deixados na rede internet, nas informações públicas encontradas nessa rede; ela se constitui naquilo que se torna aparente no ato mesmo de se projetar em outros momentos e de se fazer visível a outrem. Como afirma Camozzato (2007, p.40): "É na forma de serem-outros- de-si- mesmo que são construídos seus perfis fakes [...]".

Nessa composição da identidade, o sujeito é também engendrado por um conjunto de acontecimentos que são vividos *on e off-line*, de maneira sequencial ou concomitantemente, numa profunda organicidade. Por isso, o virtual é real, já que não é possível distinguir essa polarização nos acontecimentos, ou em suas interações.

A partir dessa visibilidade, disponibilidade de informações sobre o que são, ou o que querem ser, os participantes dessa rede social produzem uma antevisão, que acaba por intervir nas escolhas, comportamentos e ações presentes, tornando efetivo o que se antecipou. Tais antevisões não são, portanto, nem verdadeiras nem falsas, mas efetivas, performativas. Fernanda Bruno coloca que o próprio termo "*profile*" (perfil),

muito utilizado pelas redes sociais, expressa essa temporalidade da vigilância digital – um “pro-file” é um pré-registro, uma pré-ordenação.

Segundo Bruno (2006, p. 6) eles são perfis digitais,

[...] espécies de duplos digitais ou simulações de identidades cuja efetividade não depende de vínculos profundos com os indivíduos a que correspondem, nem de um espelhamento fiel de uma personalidade ou caráter subjacentes. Ou seja, elas não *são* identidades “dadas”, mas *se tornam* “reais” ou “efetivas” na sua função antecipatória mesma, quando os indivíduos se identificam ou se reconhecem de algum modo no perfil antecipado, acionando desde então algum tipo de comportamento, cuidado ou escolha. (grifos da autora).

Percebe-se, portanto, que essa vigilância se constitui como “objetos”, ou melhor, “sujeitos” de uma visão futura, um sujeito que será montado, confeccionando, no sentido do futuro, pois o sujeito do presente já não interessa, já está ultrapassado, como um objeto descartável; é exatamente este processo que nos interessa na apreciação dos efeitos sobre a produção das identidades contemporâneas.

Neste sentido, esse movimento apresenta uma nova maquinaria identitária, que dispensa atenção à interioridade dos sujeitos, e amplia o processo de exteriorização das subjetividades contemporâneas. São das ações, comportamentos e transações eletrônicas que se tira, ou se projeta as identidades.

O que se observa nesse contexto é a possibilidade de tornar essa identidade verdadeira, evidente, de se jogar com ela, até o “limite último da transmutação, da metamorfose [...]”. (SANTAELLA, 2007, p.97)

A inserção de novas possibilidades midiáticas desses jogos, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstra que o sujeito já não se encontra localizado num único espaço-tempo, estável, ele se encontra disperso, em vários bancos de dados, em mensagens eletrônicas, em diferentes pontos do ciberespaço.

Por isso, Santaella (2003, p.214) prefere utilizar um dos conceitos-chaves das tecnologias, a incorporação, em substituição a identificação, pois numa era digital, “como os frutos de seus efeitos imersivos, não podemos mais falar de identificação, visto que esta requer uma distância entre o sujeito e aquilo a que ele pode porventura se identificar, algo que as experiências de interatividade não permitem.” Para a autora,

nessas relações, as identidades são “incorporadas, intercambiadas, complementadas, substituídas, transitáveis”.

### **Concluindo...**

Para algumas pessoas os perfis *fakes* no *orkut* podem representar ser insignificante, uma fuga à realidade ou uma diversão sem grandes implicações. Por outro lado, pode ser o esconderijo de um criminoso envolvido nas tramas de violação dos direitos humanos na *rede*. Mas nem todo *fake* possuem essas representações; existem aqueles que experimentam outras identidades para demonstrar sentimentos, percepções, desejos, gostos que poderiam lhe causar ridicularizações e até constrangimentos na vida *off-line*.

Quando a mídia não especializada no assunto, demonizam as identidades fictícias causam interpretações limitadas sobre o potencial da comunicação, e da socialização dessa *rede social*. Numa atitude paradoxal, os próprios meios de comunicações, quando necessitam conhecer mais sobre alguém, esses meios descartam os tradicionais depoimentos de familiares, amigos, vizinhos, como fonte para se ter mais conhecimento sobre o sujeito de quem se fala, e procuram a *rede social* para obter mais informações. Assim, a mídia reconhece o *orkut* como um repositório de identidade, mais informativo, mais íntimo, sobretudo verdadeiro.

Portanto o *orkut* hoje é uma fonte privilegiada para ampliação de comunicação, uma rede fascinante de invenção e exibição de subjetividades e identidades, que desenvolvem as relações sociais. Os *fakes* são experimentações de identidades que engendram os sujeitos contemporâneos, que passam a coabitar diferentes lugares e situações, isso desestabiliza antigas representações de um sujeito único e centrado, altera sua lógica de produção e representação, exigir sua regulação ou estabilidade é impossível.

### **Referências**

BRUNO, F. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. **Revista fronteira**, São Leopoldo/RS, v. VIII, p. 152-159, 2006.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Habitantes da cibercultura**: corpos “gordos” nos contemporâneos modos de produzir a si e aos "outros". 2007. 181f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2006. 11ª Ed.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**. Da cultura das mídias à cibercultura. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo Ed. Paulus, 2007.

SILVEIRA, Rosa, Maria Hessel, Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut.. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel E. (Org.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. 1 ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2006, v. 1, p. 137-150.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã – a identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

## Lista de figuras

(Figura 1)

The image shows a screenshot of a user profile on the Orkut social network. The profile is for Daniel Cady, a male, married, from Salvador, Brazil. The profile shows a status 'Feliz !!', statistics for messages, photos, videos, and friends, and a list of recent photos.

**orkut** Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades fma

**Daniel Cady**

Feliz !!

recados 565 fotos 3 vídeos 0 f3s 45 fotos com ele 2 confiável legal sexy

quem sou eu: Obrigado pelas msg que loucura tudo isso!!!

quem poder dar um sim para meu amigo e uma carinha de gente boa la agradeço, to dando uma força para ele para o BBB

local: Salvador Brasil

relacionamento: casado(a)

ver perfil inteiro >>

▼ fotos recentes dele (3)

Three recent photos are shown: a group of people in yellow shirts, a group of people in blue and white shirts, and a group of people in white shirts.

[Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=72909357>] Acesso em 2/10/2008